

# ARON E CLAUSEWITZ: UMA LEITURA EPISTEMOLÓGICA

## ARON AND CLAUSEWITZ: AN EPISTEMOLOGICAL ANALYSIS

*Matheus de Freitas Cecílio<sup>1</sup>*

**RESUMO:** As obras do general prussiano Carl von Clausewitz e do sociólogo francês Raymond Aron detém grande importância no contexto da disciplina de teoria de relações internacionais. As considerações clausewitzianas sobre a guerra e as contribuições aronianas no que diz respeito à escola realista se revestem de importância. No entanto, a relação entre ambos os autores é complexa. O objetivo do artigo aqui presente é o de examinar essa relação. Elenca-se como hipótese a ideia de que as primeiras interpretações aronianas sobre Clausewitz corroboravam, em partes, com vulgarizações. Adicionalmente, o artigo também busca explorar as relações entre as obras de Montesquieu e Clausewitz, no sentido de descobrir como o primeiro pode ter influenciado o segundo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aron, Clausewitz, Guerra, Montesquieu

**Abstract:** The works of prussian general Carl von Clausewitz and of french sociologist Raymond Aron hold great importance in the greater circle of international relations theory. Clausewitzian considerations on war and aronian contributions on realist thought are themes that reveal in importance. However, the relationship between them is complex. The objective of this paper is to analyse this relationship. It is held as hypothesis the idea that the first aronian interpretations on Clausewitz were, partly, vulgarized. Additionally, this article also aims to explore the relationship between Montesquieu and Clausewitz, in the sense of discovering the impact of the former over the latter.

**KEY WORDS:** Aron, Clausewitz, War, Montesquieu

### 1. INTRODUÇÃO

A obra madura do general prussiano Carl von Clausewitz, apesar de extremamente importante para o estudo das Relações Internacionais, da Sociologia e da guerra; é erroneamente interpretada com frequência. Vulgarizado, o pensamento de Clausewitz transforma-se numa doutrina beligerante baseada no derramamento de sangue e no ataque decisivo, pontual. A interpretação vulgarizada de Clausewitz se faz presente nas obras de diversos acadêmicos que tiveram algum tipo de contato com o tomo “*Da Guerra*”. No âmbito da disciplina moderna das Relações Internacionais, o sociólogo francês Raymond Aron talvez tenha sido o acadêmico que mais dedicou tempo e intelecto à análise da obra do general prussiano. Embora corroborasse em parte com a vertente vulgarizada em suas primeiras obras, notavelmente em “*Paz e Guerra entre as nações*”, Aron traça uma análise amadurecida e mais complexa anos mais tarde, inclusive dedicando uma obra inteira ao estudo do pensador prussiano, intitulada “*Pensar a Guerra, Clausewitz*”, composta por dois volumes. Esta pesquisa busca, justamente, explorar esses diferentes momentos interpretativos de Raymond Aron enquanto

<sup>1</sup> Graduado em Relações Internacionais pela UNESP, campus de Marília. Mestrando em Economia Política Internacional pela UFRJ. E-mail: freitas.cecilio@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0003-3774-7792>



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

joga luz sobre os principais conceitos e categorias clausewitizanos. Adicionalmente, a pesquisa aqui presente também intenta explorar o relacionamento entre as obras de Montesquieu e de Clausewitz. Sabendo que o prussiano teve contato com a obra do francês quando feito prisioneiro na França, buscamos tentar estabelecer quais são as bases sobre as quais se desenrola essa influência, sempre na pista das contribuições conceituais clausewitzianas.

## 2. CLAUSEWITZ E SEU LEGADO

Neste primeiro capítulo, abordar-se-á, em primeira instância, a vida e as experiências pessoais de Clausewitz, principalmente aquelas que podem ter exercido alguma influência sobre o conjunto de sua obra. Posteriormente, será posta em análise a profunda e grave vulgarização que marcou seu legado, sua obra.

Carl von Clausewitz foi um teórico e general prussiano, autor, entre outras, da obra *“Da Guerra”*, na qual estabelece diversas reflexões sobre o fenômeno social da guerra, suas tipologias, suas atribuições e sua própria natureza enquanto elemento da sociedade. As emoções experimentadas durante a vida nada devem à grandeza de sua obra. Apontado como ajudante de campo do príncipe Augusto da Prússia, é capturado junto a este pelos franceses após derrota na Batalha de Auerstedt<sup>2</sup>, em 1806.

Faz-se necessário aqui abordar as consequências deste evento na vida de Clausewitz. Neste engajamento, Napoleão exibiu condução brilhante das tropas e espírito ofensivo, este último materializado na decisão de atacar as tropas prussianas antes da chegada de reforços russos. Muito provavelmente, este evento contribuiu para a imagem de Napoleão que Clausewitz viria a construir, ligada à condução da guerra próxima ao conceito de guerra absoluta. Reed Davis coloca:

The catastrophic retreat of the German forces which resulted was so vastly different from the tedious marches and maneuvers of Clausewitz’s youth that it was difficult to comprehend both experiences as belonging to the same phenomenon of war. Napoléon had in fact changed the whole tempo of warfare – he waged campaigns with a ferocity that far out-stripped the experience of earlier generations (DAVIS, 2009, p. 137)<sup>3</sup>

<sup>2</sup> É importante notar que a Batalha de Auerstedt é frequentemente agrupada junto à Batalha de Iena, recebendo o nome de Batalha de Iena-Auerstedt.

<sup>3</sup> “A retirada catastrófica das tropas alemãs que se seguiu foi tão vastamente diferente das tediosas marchas e manobras da juventude de Clausewitz que era difícil compreender que ambas as experiências correspondiam ao mesmo fenômeno da guerra. Napoleão tinha, de fato, mudado todo o ritmo de fazer a guerra – ele empreendeu campanhas com uma ferocidade que de longe suplantava a experiência de gerações mais novas.” (DAVIS, 2009, p.137, tradução nossa).

Durante o cativeiro na França, é muito provável que tenha entrado em contato com a obra de Montesquieu, que viria a influenciar a sua própria obra alguns anos mais tarde. De volta à Prússia, critica duramente a aliança com a França Imperial e deixa seu país natal, servindo como comandante no Império Russo. Sua vontade de derrotar a tirania napoleônica parecia ser mais forte do que a lealdade ao rei prussiano. Após o fim das Guerras Napoleônicas, é readmitido ao exército prussiano, embora não sem desconfianças. Na direção da Escola Militar Geral, em Berlim, tece seu “*Magnum opus*”, “*Da Guerra*”, que viu seu autor falecer sem estar completamente satisfeito com o tomo.

Embora suas análises sejam profundas e contundentes, o pensamento de Clausewitz sofreu uma grave vulgarização que foi reproduzida na segunda metade do século XIX, no século XX e é, de certa forma, reproduzida até hoje. Tal vulgarização enxerga Clausewitz como um grande entusiasta do derramamento de sangue, da destruição em massa, do ataque, impiedade e vitória a qualquer custo, enquanto que, quando examinado mais de perto, o autor se mostra longe desta tipificação que lhe foi convenientemente atribuída.

Uma das principais vozes a ecoar esta visão vulgarizada sobre Clausewitz foi aquela do historiador militar britânico Basil Liddell Hart. Escrevendo em 1929, Liddell Hart coloca o seguinte, ao discutir a diferença entre estratégia e tática:

[...] Tática se localiza no e preenche o campo da luta. Estratégia não apenas para no limite, mas tem como princípio a redução da luta às suas proporções mais reduzidas. Esta asserção pode ser duvidada por aqueles que concebem a destruição da força armada inimiga como o único objetivo razoável na guerra, que sustentam que o único objetivo da guerra é a batalha, e que são obcecados com o dizer *clauswitziano* de que ‘o sangue é o preço da vitória’ [...] (HART, 1929, p. 190, ênfase própria)<sup>4</sup>

Ou seja, Liddell Hart avança a ideia de que o objetivo sumário da estratégia é, em última instância, reduzir o escopo da luta às suas mínimas proporções, enquanto que o andamento da luta em si é tarefa da tática. Liddell Hart emprega o termo “clauswitziano” para designar uma ideia que, a princípio, seria contra a redução da luta, ou seja, a favor do derramamento de sangue. Temos então que o autor se sentiu livre para utilizar “clauswitziano” como sinônimo de “ânsia pela batalha”, ou algo similar; o que é nos dá a pista para começar a entender o processo de vulgarização do pensamento do militar prussiano.

<sup>4</sup> Tradução própria. No original: “[...] Tactics lies in and fills the province of fighting. Strategy not only stops on the frontier, but has for its purpose the reduction of fighting to the slenderest possible proportions. This statement may be disputed by those who conceive the destruction of the enemy’s armed force as the only sound aim in war, who hold that the only goal of strategy is battle, and who are obsessed with the Clausewitzian saying that ‘blood is the price of victory’” (HART, 1929, p.190).

Contribuiu também para o estabelecimento deste senso comum vulgar as primeiras reproduções realizadas de seu pensamento, notavelmente aquela feita pelo general prussiano Helmuth von Moltke, vitorioso na Guerra Franco-Prussiana de 1870-1871, o qual afirmava que Clausewitz havia sido um dos autores que mais haviam lhe influenciado, quase que como um mentor intelectual.

[...] o grande Helmuth von Moltke, que veio a se tornar o Chefe do Estado-Maior Geral Prussiano em 1857 e que desempenhou um papel de destaque para trazer a obra de Clausewitz à atenção dos seus contemporâneos [...] viria a citar *Da Guerra*, juntamente com Homero e a Bíblia, como uma das verdadeiras obras embrionárias que haviam moldado o seu pensamento (PARET, 1985, p.30)

A partir daí, segue que o pensamento de Clausewitz é vulgarizado, moldado em um senso comum da violência extrema, e incorporado às doutrinas dos Estados beligerantes na Primeira Guerra Mundial, colocado como um estrategista a ser seguido a qualquer custo. As concepções de Clausewitz são bastante distorcidas nos seguintes pontos, falsamente atribuídos ao general prussiano:

- 1) Superioridade do ataque sobre a defesa.
- 2) O imperativo do choque frontal sem manobra, da destruição e do derramamento de sangue.

Na realidade, se examinado de perto, o pensamento de Clausewitz se distancia em muito destes dois pontos citados. Em relação à ideia de superioridade do ataque sobre a defesa, Clausewitz sustenta exatamente o contrário, quando afirma que a postura defensiva se sobressai em relação ao ataque:

Estou convencido de que a superioridade da defesa (se corretamente compreendida) é muito grande, muito maior do que parece ser à primeira vista. É isto que explica sem qualquer incoerência a maioria dos períodos de inação que ocorrem na guerra. Quanto mais frágeis forem as razões para a ação, mais serão elas encobertas e neutralizadas por esta disparidade existente entre o ataque e a defesa, e mais frequentemente a ação será suspensa - como mostra de fato a experiência (CLAUSEWITZ, 1984, p.87).

Com efeito, a discussão acerca de relação entre defesa e ataque é uma das mais importantes de todo o *Traité*<sup>5</sup>. A assunção de que o ataque assume posição superior à da defesa dentro da lógica clausewitziana é um dos erros crassos da interpretação vulgarizada.

---

<sup>5</sup> “*Traité*” é o nome pelo qual Aron se refere ao livro “Da Guerra”. *Traité* significa “Tratado” em francês, a língua materna do sociólogo. Este termo é muito frequente no raciocínio de Aron e também servirá neste trabalho para se referir à obra “Da Guerra”.

A importância da antítese “Defesa x Ataque” é tão saliente dentro do pensamento de Clausewitz que Aron chega inclusive a elenca-la como uma das três antíteses estruturantes de todo o raciocínio do teórico prussiano, ao lado das antíteses “Moral x Material” e “Meio x Fim” (ARON, 1986, p.144).

Abordando diretamente a questão relacionada à superioridade da defesa sobre o ataque, Clausewitz lança mão de dois principais argumentos. Em primeiro lugar, é mais fácil conservar do que tomar. Em segundo lugar, o partido mais fraco sempre adota a estratégia defensiva. Isto seria a prova, histórica e lógica, de que a defesa supera o ataque enquanto conduta. Ora, o lado mais fraco busca adotar a melhor estratégia a fim de compensar os quaisquer fatores que o fazem o lado mais fraco. Aron explica melhor:

Por que a defesa é a forma mais forte da guerra? Clausewitz dá dois argumentos, de caráter geral, que apresentam a seu ver, um caráter de evidência. É mais fácil conservar do que tomar. Acontece o mesmo tanto em tempo de guerra como nos litígios jurídicos. [...] A segunda razão resulta, ao mesmo tempo, da experiência e do raciocínio. A história não mostra que o partido mais fraco quase sempre escolhe a defensiva? Isto não é a prova de que esta forma tende a compensar a inferioridade e que ela é então, enquanto tal, mais forte do que a outra? [...] (ARON, 1986, p.227).

Evidentemente, a exposição clausewitziana não se limita a estes dois argumentos. Reforçando a superioridade da defesa sobre o ataque, encontram-se diversas outras ideias espalhadas pelo *Traité* de forma não organizada e que provavelmente foram escritas em diferentes momentos. São seis: 1) a surpresa; 2) a vantagem do terreno; 3) o assalto simultaneamente lançado de diversos lados; 4) o apoio do teatro de operações graças às fortificações; 5) o apoio do povo; e 6) a utilização de grandes forças morais.

Aqui, é importante lembrar que o livro VI, o mais longo do *Traité* e o que versa mais substancialmente sobre a relação defesa e ataque, não era satisfatório aos olhos do Clausewitz que se aproximava do fim da vida. Na sua nota final, em que exprime seus desejos a respeito da leitura e modificação de sua obra, chega a escrever que o livro VI: “deve ser considerado como um simples ensaio; eu o teria inteiramente revisado e teria buscado de outra forma a via de saída.” (CLAUSEWITZ apud. ARON, 1986, p. 220).

Por fim, ainda na questão da relação entre defesa e ataque, é muito importante ressaltar que a superioridade da primeira sobre a segunda, dentro do raciocínio clausewitziano, se dá no campo da estratégia e não da tática. A fim de compreender esta ideia, deve-se entender, primeiramente, o que é tática e o que é estratégia.

Entrar na discussão relacionada à diferenciação entre estratégia e tática para Clausewitz pode ser desgastante demais a fim de que seja compreendida em sua totalidade. Para efeitos de simplificação, assume-se que a estratégia diz respeito a uma maior

estrutura, de alcance mais global, mais alta, menos preocupada com o funcionamento mecânico do fuzil e mais preocupada com o andamento do teatro de operações; enquanto que a tática diz respeito à estrutura mais próxima ao combate, mais preocupada com as instâncias que se conectam diretamente à luta, menor.

Sendo assim, é impossível afirmar com certeza a superioridade de uma conduta sobre a outra dentro do campo da tática. As ferramentas das quais se vale o ataque tático estão sempre em evolução, assim como as da defesa tática. É a luta da espada contra o escudo. A espada pode ficar mais afiada e vencer a resistência do escudo por um mês, mas não tardará para que o escudo torne-se mais grosso, e recupere a predominância. A superioridade muda de lado muito frequentemente na tática. O mesmo não acontece na estratégia, que é o campo no qual a defesa assume sua predominância, segundo Clausewitz. Nas palavras de Aron:

[...] se não há superioridade permanente do ataque ou da defesa no campo da tática, por que teria no campo da estratégia? A resposta que Clausewitz não formulou explicitamente, me parece ser a seguinte: a maioria das vantagens das quais beneficia a defensiva – a escolha do terreno, o apoio do povo, o desgaste do ataque – não são ou são apenas fracamente afetadas pelas mudanças históricas. Em compensação, ataque e defesa tática, em uma incessante dialética, garantem alternativamente a superioridade (ARON, 1986, p. 229).

Finalmente, Aron resume muito bem a questão. Em suma, os elementos da estratégia são muito pouco afetados pelas dinâmicas históricas, permitindo com que seja traçada uma teoria da defesa estratégica. Já os elementos da tática são muito frequentemente afetados pelas dinâmicas históricas, não permitindo com que seja afirmada a superioridade de qualquer conduta tática.

E, em relação ao segundo ponto, Clausewitz defende sim a manobra e a hipótese da consecução do objetivo político e militar sem o derramamento de sangue. Isto inclusive contempla sua definição da guerra como observação armada: “Assim, ocorre que, sem que haja qualquer incoerência, as guerras podem ter todos os graus de importância e de intensidade, indo de uma guerra de extermínio até uma simples observação armada.” (CLAUSEWITZ, 1984, p. 83).

Contudo, é muito importante notar que o teórico prussiano chega a esta conclusão apenas depois de um longo caminho de desdobramento intelectual. Por muito tempo, pensava que, de fato, a guerra absoluta remetia à expressão natural, original e verdadeira da guerra. Com efeito, seria a única guerra real, enquanto que as outras seriam ‘imperfeitas’. Uma guerra como observação armada assumiria, no estatuto do jovem Clausewitz, a posição de “guerra imperfeita”. Eram ideias pertencentes ao Clausewitz dos primeiros anos do século XIX, que descobria seus temas de interesse e ensaiava

va conclusões. Ideias pertencentes ao jovem soldado impulsionado pela admiração por Napoleão e pelo seu brilhantismo estratégico, ainda longe do desenvolvimento pleno de suas principais ideias. Ideias pertencentes ao homem que encontra sua vocação no conflito, como coloca Aron: “[...] o jovem (*Clausewitz*) [...] não imaginava felicidade fora do campo de batalha [...]” (ARON, 1986, p. 171).

Tudo acontece como se Clausewitz tivesse por muito tempo sido tentado por uma outra solução teórica: somente as guerras próximas da guerra perfeita ou absoluta teriam sido autenticamente guerras. Ele rejeitou esta solução com uma firmeza crescente (ARON, 1986, p. 172).

De fato, foi tentado, e, por muito tempo, pareceu abraçar a solução que conecta a verdadeira guerra à guerra absoluta. Mas esta foi rejeitada e superada ao longo da carreira intelectual do pensador prussiano. Este processo de crescimento intelectual será visto mais adiante de forma detalhada.

Além das distorções pontuais supracitadas, uma importante categoria do pensamento de Clausewitz, a eterna e invariável subordinação do fenômeno bélico à política, parece ter sido recebida de forma ambígua pelos replicadores imediatos de suas ideias, os integrantes do corpo militar prussiano-alemão:

In his own society it is precisely the political aspects of Clausewitz's theories that were given what was at best an ambiguous reception. Until the 1930s, his most significant German readers were either unwilling or unable to accept his thesis of the close integration of politics and war and of the primacy of political considerations even during the fighting. Instead, throughout the nineteenth and early twentieth centuries the chiefs of staff and commanders in chief of the Prusso-German army thought of war, once it had broken out, as an essentially autonomous activity, and did everything in their power to protect the army, its strategy and its operations, from political interference (PARET, 1986, 211-12)<sup>6</sup>.

Um dos pontos mais importantes, quicá o mais importante, de todo o pensamento de Clausewitz é a sua tipologia da guerra. Ele traça duas conceituações acerca do fenômeno da guerra. Uma delas é a guerra real, que corresponderia à condução do conflito em bases reais, frequentes, comuns e observáveis. A segunda concepção é a da guerra absoluta. Esta segunda ideia se refere ao conceito puro da guerra, isto é, ao

---

<sup>6</sup> “É precisamente na sua própria sociedade que os aspectos políticos da teoria de Clausewitz foram recebidos com, no mínimo, certa ambiguidade. Até os anos 1930, os principais intérpretes alemães de sua teoria não queriam ou não eram capazes de compreender a íntima ligação entre política e guerra e a supremacia da política até mesmo durante períodos de luta deflagrada. Ao invés disso, ao longo do século XIX e do começo do século XX, os chefes do Estado-maior e os comandantes em chefe do exército prussiano-alemão pensavam a guerra, a partir do momento em que ela estivesse em progresso, como uma atividade essencialmente autônoma e fizeram tudo que podiam a fim de proteger o exército, sua estratégia e suas operações, da interferência política” (PARET, 1986, 211-12, tradução nossa).

conceito originalmente pensado do conflito, uma ação inexorável que teria como fim último e único a obliteração total das capacidades do inimigo e a obliteração do inimigo em si. É justo afirmar que a guerra absoluta é uma abstração, uma fantasia lógica, como o próprio autor prussiano coloca:

Assim, no campo do pensamento teórico a mente indagadora nunca pode descansar até chegar ao extremo, pois ali ela estará lidando com um extremo: um choque de forças agindo livremente, sem obedecer a qualquer lei a não ser às suas próprias. [...] Se formos pensar puramente em termos absolutos, poderemos evitar todas as dificuldades com um golpe de caneta e proclamar com uma lógica inflexível que, uma vez que a meta deve ser sempre o extremo, sempre deverá ser exercido o maior esforço. [...] Mesmo admitindo que este esforço extremo seja uma quantidade absoluta que possa ser facilmente calculada, devemos admitir que provavelmente a mente humana não consentiria em ser regida por tal fantasia lógica (CLAUSEWITZ, 1984, p. 78 e 79).

Contudo, é necessário desenvolver este assunto. Clausewitz levou toda a sua vida para chegar à conclusão de que a guerra absoluta é, de fato, uma fantasia lógica. A história de sua vida intelectual é a história de definições de guerra frequentemente mutáveis. Notavelmente, observam-se três momentos definitivos na vida intelectual do pensador prussiano, cada momento definido por uma nova concepção de guerra, e cada nova concepção trazendo novos desdobramentos.

Aron aponta que a trajetória intelectual clausewitziana, no tocante à definição de guerra, é dividida em três partes (ARON, 1986, p. 104). Em primeiro lugar, Clausewitz concebe a definição monista, unitária ou inicial; posteriormente, em um segundo momento, concebe a definição dualista; e, finalmente, já no fim de sua vida, concebe a definição final e mais madura, mais conhecida como trinitária.

Cada uma das etapas mencionadas possui suas consequências. Ao construir a linha de raciocínio que torna inteligível ao leitor o progresso conceitual clausewitziano, Aron também traz as discussões que orbitam o linha progressiva central, dinâmica que ajuda a compreender a totalidade desta importantíssima categoria.

A definição monista ou inicial é, como o nome indica, a primeira conceituação da qual faz uso Clausewitz. Basicamente, ela se refere ao seguinte raciocínio: “*a guerra é uma maneira de fazer com que o adversário se submeta às minhas vontades.*” A guerra, nesta definição, é exata e simplesmente isso, um método através do qual uma vontade é imposta ao outro, ao adversário.

Nesta definição, Aron identifica um problema bastante grave. Se a guerra é apenas a ferramenta através da qual se impõe uma vontade ao outro, vence a parte que imprimir a maior força. No duelo entre os dois adversários, a lógica é a da ascensão aos extremos. Ora, se o adversário A aplica determinado esforço, a única espe-

rança do adversário B em continuar na luta é redobrar seus esforços, ultrapassando o montante originalmente despendido pelo adversário A, e assim por diante. A lógica aqui é, como dito, a da ascensão aos extremos, do contínuo redobramento de forças (ARON, 1986, p.106).

Esta linha de raciocínio, consequência da definição inicial, leva a perigosas conclusões. Levada ao pé da letra, esta argumentação pode nos levar a crer que a guerra verdadeira, a guerra essencial, a guerra substancial, a única guerra que corresponde ao conceito é aquela na qual os esforços são despendidos até o extremo, na qual ambas as partes lançam mão de tudo o que possuem, em um momento definitivo, no qual uma delas possa derrotar a outra e emergir vitoriosa, algo parecido à categoria de guerra absoluta. Aron aponta que Clausewitz pareceu ensaiar uma conclusão relacionada a esta linha de pensamento durante boa parte da construção do “*Da Guerra*”, de tal modo que fragmentos desta argumentação ainda residam em certos capítulos e linhas (ARON, 1986, p. 283). Os resquícios, somados às frequentes más interpretações, podem constituir a base da interpretação vulgarizada a qual foi submetido Clausewitz.

A definição monista e sua consequente ascensão aos extremos existem apenas no mundo ideal. Aron também aponta que, muito provavelmente, o general prussiano teria chegado a esta conclusão no mesmo momento no qual afirmou a irrealidade da guerra absoluta. Este momento teria sido perto do final de sua vida intelectual e física. Devido à importância deste momento na vida do general prussiano, faz-se necessário incluir aqui trecho de “*Pensar a Guerra, Clausewitz, vol. I*” a fim de que a argumentação aroniana possa ser mais bem entendida:

Para o jovem Clausewitz, a guerra absoluta correspondia ao conceito puro, real, verdadeiro, e a guerra real seria produto das ‘imperfeições’ históricas, produto de homens e de sociedades que não podiam ou não queriam chegar ao extremo. É quase desnecessário dizer que o general prussiano supera esta fase e chega à maturidade com a plena consciência da irrealidade da guerra absoluta. [...] Clausewitz só assentou as fundações de sua catedral conceitual - a irrealidade da guerra absoluta - nos dois últimos anos de sua vida, entre 1827 e 1830. [...] A guerra absoluta responde ao conceito, à natureza, à verdade da guerra enquanto tal, em outras palavras, da guerra separada de suas origens e de seu fim, separada, portanto, de sua política enquanto condição ou finalidade. [...] Não há guerra absoluta na realidade, apenas no mundo do conceito, do ideal. Por outro lado, as guerras próximas à guerra absoluta não são guerras perfeitas em oposição às guerras imperfeitas. [...] As guerras que se aproximam da perfeição não são nem mais ou menos políticas do que as outras: é a política mesmo que determina seu caráter absoluto (ARON, 1986, p. 111).

O segundo momento nesta trajetória é o da definição dualista de guerra. Sumariamente, esta definição se relaciona à diferenciação entre guerra absoluta e guerra real. A guerra absoluta remete aos extremos, ao choque frontal, à decisão imediata, ao

emprego pleno das forças morais e físicas, ao banho de sangue. Já a guerra real remete à guerra como nós a conhecemos, dotada de suas limitações, de seus entraves e atritos.

Neste momento, Aron aponta instigante processo, sintetizado no seguinte raciocínio: a guerra segundo a definição monista não é sempre a guerra presente na realidade histórica. Ela até pode ser (e como foi para Clausewitz, durante algum tempo) a definição verdadeira, natural ou essencial da guerra, mas ela é relativamente pouco presente quando se examina a História<sup>7</sup>. Predominam as guerras chamadas de “segunda espécie”, ou seja, aquelas mais distantes da guerra absoluta, mais próximas das escaramuças, das observações, das paradas. Ora, como poderia então o general prussiano definir a guerra como algo que raramente ocorre na História? Para resolver este aparente paradoxo, Clausewitz lança mão das duas naturezas da guerra, da sua dualidade. Existe a guerra absoluta e existe a guerra real.

O terceiro momento desta trajetória importantíssima é o da definição trinitária da guerra. Sinteticamente, a definição trinitária remete à crença de que toda guerra é composta de três elementos: o ódio, a sorte ou a espontaneidade, e a inteligência. Cada elemento é materializado em uma figura: o ódio materializa-se no povo irascível, nas massas sedentas. A sorte ou a espontaneidade se materializa na figura do general, do chefe do Exército, que, em um momento de *livre atividade da alma*, como coloca Clausewitz, pode mudar o rumo de um conflito. O terceiro elemento, a inteligência, se materializaria na figura do Estado, do dirigente político, ao qual cabe a formulação do fim ao qual serve a guerra, da administração, ainda que indireta, do conflito.

Esta terceira definição trinitária reflete a maturação plena da obra de Clausewitz. Toda guerra é composta por estes três elementos. Em algumas, observa-se a predominância do ódio, em outras, a predominância da *livre atividade da alma*, e, em algumas, a predominância da inteligência política (ARON, 1986, p.112 e 113).

É muito importante ressaltar que nenhuma definição de guerra suplanta a precedente. Todas as três definições são complementares. Inexiste uma relação vertical entre elas, no sentido de que uma está acima da outra, a relação é horizontal, no sentido de que elas estão em processo constante de complementação. As três definições acompanham o tempo de vida de Clausewitz e refletem seu amadurecimento.

Apesar de sólido na afirmação de que a guerra absoluta é uma fantasia lógica, e tendo chego a este patamar após décadas de discussão, Clausewitz cita o exemplo de quem foi capaz de empreender um processo de guerra próximo ao conceito de guerra absoluta na história: Napoleão Bonaparte. É justo, também, afirmar que a guerra absoluta é um padrão geral de se pensar as conduções dos diferentes conflitos bélicos e suas

<sup>7</sup> “A história prova que as guerras que levam à morte não somente não são as únicas, mas representam uma exceção. [...] A maioria das guerras reais se situa entre os extremos da violência desencadeada e da observação armada.” (ARON, 1986, p.244).

várias manifestações e intensidades de violência (PARET, 1985, p. 367), livre dos imprevistos e obstáculos da prática (ao que Clausewitz dará o nome de ‘fricção’); enquanto que guerra real acaba por ser o produto desta racionalização, ou seja, representa as bases reais sobre as quais o fenômeno bélico é empreendido, dotada de “fricção”, obstáculos diversos, tais como o acaso, as probabilidades, imponderáveis, reações. Clausewitz defende que a diferença entre guerra absoluta (o conceito) e guerra real (a prática) existe por causa da oposição de inúmeros elementos, de fricções.

Mas qual é exatamente este meio não condutor, esta barreira que impede uma descarga total? Porque o conceito teórico não é obedecido na prática? A barreira em questão é a vasta série de fatores, forças e condições existentes nos interesses nacionais que são afetados pela guerra. [...] O homem que está no comando geral pode ter realmente examinado todas estas questões sem perder de vista por um só momento o seu propósito, mas os muitos outros envolvidos podem não ter todos tido esta mesma visão. Surge a oposição e, conseqüentemente, é necessário fazer algo para superar a enorme inércia da massa. Mas normalmente não existe energia suficiente para isto (CLAUSEWITZ, 1984, p. 686 e 687).

Para Clausewitz, Napoleão foi efetivamente quem trouxe o fenômeno bélico a um patamar mais próximo da guerra absoluta, na medida em que o empreendeu de forma genial e impecável, ao menos durante seus anos de brilhantismo estratégico, buscando lutar com intensidade até que inimigo sucumbisse, sempre na perspectiva de uma grande batalha decisiva:

Após o curto prelúdio da Revolução Francesa, Bonaparte levou-a rápida e implacavelmente àquele ponto. A guerra, em suas mãos, era travada sem interrupções até que o inimigo se rendesse, e o contragolpe era desferido quase que com a mesma energia. Certamente tanto é natural como inevitável que este fenômeno deva fazer com que voltemo-nos novamente para o conceito puro de guerra, com todas as suas rigorosas implicações (CLAUSEWITZ, 1984, p. 687).

## 2. RAYMOND ARON E CLAUSEWITZ

Raymond Aron, um filósofo, sociólogo francês e importante pensador das Relações Internacionais, é abordado nesta investigação no tocante às suas interpretações do pensamento de Clausewitz. As obras de Aron que são objeto da pesquisa são duas: “*Pensar a Guerra, Clausewitz*” (ARON, 1986 a e b) (ambos os volumes) e “*Paz e Guerra entre as Nações*” (ARON, 2002). Em sua obra “*Paz e Guerra entre as Nações*”, Aron, ao mesmo tempo em que traça seus pilares teóricos mais importantes, realiza também uma análise que parece ser vulgarizada (ao menos em parte) do pensamento de Clausewitz. Alguns aspectos de tal análise lembram ecos da interpretação vulgarizada supracitada, que enxerga o pensador prussiano como uma espécie de apologeta da guerra na sua extrema violência, da destruição e do derramamento excessivo de sangue. A interpretação

um pouco distorcida de Clausewitz na obra de Aron pode ser mais bem enxergue nos seguintes trechos:

É verdade que Clausewitz parece às vezes admirar o tipo de guerra que tende a realizar plenamente sua natureza, desprezando por assim dizer as guerras «imperfeitas» do século XVIII, nas quais negociações e manobras reduziam a um mínimo os engajamentos militares, a brutalidade e o furor dos combates [...] Diante da ideia da guerra levada ao extremo, Clausewitz sente uma espécie de horror sagrado, de fascínio, comparável ao que seria inspirado por uma catástrofe atômica. A guerra, na qual os adversários vão até o fim da violência para vencer a vontade do inimigo que resiste obstinadamente, aparece, aos olhos de Clausewitz, como grandiosa e terrível. Toda vez que houver uma confrontação de grandes interesses, a guerra tenderá a se aproximar da sua forma absoluta. Filósofo, Clausewitz nem se congratula nem se indigna com isto (ARON, 2002, p. 72).

Como já vimos anteriormente, Aron possui a noção de que o jovem Clausewitz teorizava a solução que conecta a guerra absoluta às concepções de guerra natural, original ou verdadeira, e que esta concepção foi gradualmente superada pelo teórico prussiano. O Aron de “*Pensar a Guerra, Clausewitz*” é quase como um cliente que sabe que foi enganado há algum tempo, e que hoje adverte outros consumidores a respeito do mesmo erro que cometeu no passado.

No primeiro volume de sua obra “*Pensar a Guerra, Clausewitz*”, Aron (1986a) parece mostrar uma percepção muito mais profunda e analítica de Clausewitz, inclusive realizando uma espécie de “*mea culpa*” e identificando seus erros. Esta nova postura pode ser mais bem compreendida através de alguns trechos-chave, que, em poucas palavras, podem sintetizar ao leitor o que exatamente constituiu a nova postura do sociólogo francês.

Neste excerto, pensa sobre quais textos podem trair o autor (e o leitor) do *Traité*, da mesma forma em que Aron foi ‘traído’ por uma interpretação rasa do pensamento de Clausewitz:

[...] a maioria dos textos (particularmente do livro III e do livro IV) o traem (*Clausewitz*) no sentido contrário, o da exaltação das guerras de aniquilamento, as únicas verdadeiras, as únicas correspondentes ao conceito (ARON, 1986, p.217, adição própria).

Neste segundo excerto, pode ser observado o Aron que sabe que Clausewitz, durante uma parte de sua vida, ensaiou uma conclusão que ligava à guerra absoluta aos conceitos de real, natural e original:

Como Clausewitz nunca especulou sobre o entendimento implícito que permite a limitação da violência, diz-se que ele passou por um doutrinário da guerra a todo o

transe – o que talvez tenha sido verdade durante uma parte de sua existência (ARON, 1986, p. 277).

Neste terceiro e último excerto, Aron discute as implicações da “lei original”, suposta lei da guerra que obrigaria aos adversários concentrarem todas as suas forças em momento único e decisivo. Tal lei pertence ao Clausewitz do primeiro momento da definição da guerra, o momento da definição monista. No excerto, o sociólogo francês demonstra não só que superou sua fase anterior e não mais acredita na caricatura sangrenta de Clausewitz, mas também que apenas uma análise da mais geral lei bastaria para rejeitar tal caricatura. Aron lança:

Esta análise da mais geral lei natural basta para rejeitar a representação caricatural da doutrina clausewitziana: esta exaltaria o choque direto, brutal, concentrado sem rodeios e sem hesitação. Mesmo no livro IV, que mais se aproxima da caricatura, o esforço recíproco de envolvimento introduz um elemento de manobra em todos os combates (ARON, 1986, p. 283).

A comparação entre estes trechos retirados do pensamento de Aron, o primeiro sendo de uma concepção mais crua do pensamento de Clausewitz; e o segundo conjunto sendo de uma concepção mais madura; permite-nos observar, com clareza, a diferença da interpretação de Raymond Aron sobre Clausewitz em dois momentos distintos, e também os diferentes aspectos epistemológicos sobre os quais Aron lança suas bases investigativas e argumentativas.

Faz-se necessária uma releitura das obras de Aron e Clausewitz, tendo em vista a importância colossal de ambos os autores para o estudo das Relações Internacionais, e, mais especificamente, uma releitura da interpretação de Aron sobre Clausewitz, uma vez que Raymond Aron é um dos grandes expoentes, ao lado de muitos outros autores, da mais reproduzida teoria de Relações Internacionais concebida, o Realismo; e que as implicações do pensamento de Clausewitz para todo o estudo das Relações Internacionais e da teorização sobre os conflitos são gigantescas. Além disso, é necessário lembrar que existe pouca ou nenhuma pesquisa no que tange a esta questão das correlações entre dois teóricos tão importantes como Raymond Aron e Carl von Clausewitz.

### 3. NEXO ARON – CLAUSEWITZ - MONTESQUIEU

Em relação à metodologia empregada nesta pesquisa, foi indispensável a análise das relações entre os dois pensadores aqui estudados, Raymond Aron e Clausewitz e o filósofo francês Montesquieu (2000). Existe influência clara do pensamento de Montesquieu sobre os escritos clausewitzianos – influência esta admitida pelo próprio

autor de “*Da Guerra*” – e também sobre os postulados de Raymond Aron, o qual chega a atrelar o nascimento da Sociologia às obras de Montesquieu.

Quando se diz que a influência de Montesquieu sobre Clausewitz foi admitida pelo próprio prussiano, faz-se referência à nota deixada pelo autor de “*Da Guerra*”, provavelmente escrita por volta de 1818, na qual admite, enquanto reflete sobre a maneira de organizar seu livro, que o modo através do qual Montesquieu o havia feito lhe servia vagamente de modelo:

Estes esboços não seguiram qualquer plano preliminar. A minha intenção original era apresentar as minhas conclusões sobre os principais elementos deste assunto sob a forma de afirmativas curtas, precisas e compactas, sem preocupação com uma associação sistêmica ou formal. A maneira pela qual Montesquieu tratou o seu tema estava vagamente em minha mente (CLAUSEWITZ, 1984, p.65).

É importante notar, antes de tudo, que a presença do estudo sobre a relação entre Montesquieu e Clausewitz deve muito à ação de Raymond Aron. De um modo geral, os intérpretes alemães de Clausewitz tendiam a minimizar a importância do iluminista francês e a supervalorizar a possível influência do idealismo alemão sobre a obra do general prussiano. Aron coloca:

Os intérpretes criaram dificuldades para si próprios e acreditaram ter descoberto contradições surpreendentes no pensamento de Clausewitz, aproximando-o dos filósofos do idealismo alemão de quem fora contemporâneo. Donde as interrogações: kantiano? Fichteano? Hegeliano? Nenhum dos intérpretes alemães deu grande importância à passagem da *première note* onde Clausewitz aponta que *l'Esprit des Lois* lhe servia vagamente de modelo. Todos reduziram a importância desta alusão; esta se referiria exclusivamente ao estilo da redação: capítulos curtos, mal-ligados uns aos outros, sem organização sistemática (ARON, 1986, p. 340).

Como veremos, a influência de “*O Espírito das Leis*” sobre Clausewitz não foi puramente textual, no sentido de que não influenciou simplesmente a maneira de escrever e separar os capítulos. A investigação de Aron reveste-se de validade e importância, pois aprofunda o que Clausewitz deixa transparecer em sua nota e marca o sociólogo francês como um verdadeiro e sólido intérprete.

Em relação à importância que Aron garantiu ao estudo sobre Clausewitz durante sua vida intelectual, pode ser afirmado que o francês enxergou no prussiano um dos elementos ao qual mais garantia valor: a recusa ao dogmatismo. Como Davis coloca:

What attracted Aron to Clausewitz was the fact that Clausewitz – like Montesquieu, Tocqueville, and Weber – was a “theorist of uncertainty”, a thinker who vigorously resisted any form of dogmatism. [...] Impatient with thinkers such as Heinrich von Bulow and Antoine de Jomini, contemporaries of his who believed that the entire

science of war could be deduced from a handful of first principles, Clausewitz sought to mark the limits within which theory could operate (DAVIS, 2009, p.136)<sup>8</sup>

Isto se relaciona inclusive à própria batalha intelectual travada por Aron durante a vida, a saber, aquela contra o marxismo vulgar, contra o dogmatismo de esquerda, contra aqueles que chamava de “fabricantes de sistemas”. O sociólogo francês buscava resgatar a importância garantida à ação humana, combatendo, no processo, o mecanicismo. Tal crítica culmina em seu livro “*O Ópio dos Intelectuais*” (1980).

Voltando à discussão a respeito do nexos Aron – Clausewitz - Montesquieu, dois pontos fundamentais devem ainda ser sublinhados. O primeiro, referente ao conceito de natureza e o conceito de “espírito”; e o segundo concernente à própria motivação intelectual e metodológica do pensamento clausewitziano. Em relação ao primeiro item, é possível observar como Clausewitz é instigado pela natureza da guerra, pelo seu espírito, e não apenas pelo seu “*modus operandis*”, pelo seu empreendimento; da mesma forma pela qual Montesquieu encontrava-se instigado pelo “espírito das leis”, pela natureza destas.

Em relação ao segundo item, a divisão intelectual da qual se vale Clausewitz é bastante parecida daquela da qual se vale o iluminista francês: Primeiramente, constroem-se diferentes tipos de sistemas ou diferentes tipos comportamentais; em segundo lugar, enumeram-se as constantes, as variáveis e as determinantes; e, por último, testam-se as teorias e os postulados menos abstratos no campo da análise histórica. Como coloca Reed Davis:

In fact, the same three steps that mark Montesquieu’s method also mark Clausewitz’s: The construction of different types of systems of behavior is followed by an enumeration of constants and determinants which in turn sets the stage for concrete historical analysis (DAVIS, 2009, p. 137)<sup>9</sup>

Ainda na questão da semelhança entre os sistemas organizacional e intelectual do francês e do prussiano, é importante notar que o principal “jeito de fazer ciência” ou então “jeito de conhecer a realidade” de Clausewitz assemelha-se muito ao de Montesquieu. Explica-se: contrastar conceito e realidade, ideia e aplicação, noção e prática. Em ambos, a categoria “conceito” parte da mesma ideia e, inclusive, da mesma palavra.

<sup>8</sup> “O que atraiu Aron à Clausewitz foi o fato de que Clausewitz – assim como Montesquieu, Tocqueville e Weber – era um ‘teórico da incerteza’, um pensador que resistiu vigorosamente a qualquer forma de dogmatismo. [...] Impaciente com pensadores tais como Heinrich von Bulow e Antoine de Jomini, contemporâneos dele que acreditavam que toda a ciência da guerra poderia ser reduzida a um punhado de princípios importantes, Clausewitz procurou marcar os limites dentro dos quais a teoria poderia operar.” (DAVIS, 2009, p.136, tradução nossa).

<sup>9</sup> “De fato, os mesmos três passos que marcam o método de Montesquieu também marcam o de Clausewitz: a construção de diferentes tipos de comportamento é seguida pela enumeração de constantes e determinantes que, por sua vez, prepara o cenário para análise histórica concreta” (DAVIS, 2009, p.137, tradução nossa).

Aron coloca que: “Tanto em um como em outro, a análise abstrata ou conceitual parte da noção de *natureza* [...]” (ARON, 1986, p. 341). O sociólogo francês completa:

O problema central que comanda o *Traité*, sobre o qual Clausewitz medita no final de sua vida, a diversidade das guerras, o contraste entre a guerra absoluta e a guerra real, é e permanece sendo o da relação entre as ideias (ou conceitos, ou noções) por um lado, a realidade concreta, histórica, por outro. Esta relação entre conceitos e realidade domina a da relação entre a consideração racional (ou teoria-conhecimento puro) e o ensino positivo (ou doutrina, instruções, etc.). Isto não se dá de forma diferente em Montesquieu [...] (ARON, 1986, p. 341).

É muito importante notar que Aron se debruça sobre a relação Clausewitz – Montesquieu, justamente na obra na qual exprime sua interpretação amadurecida sobre o pensador prussiano, “*Pensar a Guerra, Clausewitz*”.

O sociólogo francês defende tese bastante clara: Montesquieu possui sim influência sobre Clausewitz. Contudo, esta influência se materializa apenas na metodologia e no sistema de organizar a obra do prussiano. De fato, Montesquieu possui sistema organizacional, método e estilo de raciocínio semelhantes àqueles do teórico prussiano. Contudo, as semelhanças acabam aí. A influência direta de Montesquieu sobre o conteúdo da obra de Clausewitz é firmemente rechaçada por Raymond Aron: “[...] estou inteiramente pronto para renunciar à hipótese da influência contanto que me seja concedida a afinidade dos problemas e dos métodos.” (ARON, 1986, p. 343)

Por fim, reafirma que o conteúdo da obra de Clausewitz não deve a ninguém a não ser a ele mesmo.

[...] o *Traité* resulta do aprofundamento, pelo próprio Clausewitz, dos problemas que suas próprias concepções levantavam. Todos os germes do que podemos chamar de dialética clausewitziana se encontram nos textos anteriores ao *Traité*: a dialética meio-fim na *Stratégie de 1804*<sup>10</sup>, da mesma forma, a da guerra e da política se traçava na distinção dos fins na guerra e dos fins da guerra; a dialética da defensiva e da ofensiva está mais do que esboçada nas cartas de 1812 a Gneisenau<sup>11</sup>; a dialética do material e da moral, do número e das virtudes guerreiras opõe, desde a origem, o jovem oficial aos fabricantes de sistemas. Clausewitz pertence a esta família de espíritos que encontram seus temas desde a juventude e não acabaram de inventar e de orquestrar variações quando elas amadurecem (ARON, 1986, p. 344).

Reforçando a sua tese, sintetizada na ideia de que a influência de Montesquieu sobre Clausewitz é puramente metodológica, Aron coloca que:

<sup>10</sup> Primeiras notas introdutórias redigidas por Clausewitz. Versam sobre diversos temas relacionados à guerra e à estratégia

<sup>11</sup> O Marechal August Neidhardt von Gneisenau foi um grande amigo e colega de Clausewitz, tendo papel importante em quase todos os episódios significativos da vida do autor do *Traité*. Sobretudo, foi um parceiro intelectual.

A utilização dos conceitos natureza e espírito, na *Stratégie de 1804*<sup>12</sup>, em seguida no *Enseignement au Prince héritier*<sup>13</sup> não prova a influência direta de Montesquieu mas revela uma maneira de pensar que se exprime de maneira típica no *Esprit des Lois* (ARON, 1986, p. 342)

Também faz-se necessário aqui explorar a relação entre os conceitos de “fricção” nas obras de Clausewitz e de Montesquieu. Como visto anteriormente neste relatório, fricção é um conceito que, na obra do general prussiano, corresponde a tudo aquilo que impede que o impulso inicial da guerra, agressivo, sangrento, decisivo, inexorável, seja de fato atingível na realidade. Ou seja, elementos da realidade surgem no caminho entre a concepção e a realização, impedindo que exista no mundo real a perfeição pensada na mente. No caso da guerra, isto se relaciona aos imprevistos, falta de vontade, fatores aleatórios. O que é importante notar nesta discussão, a respeito do nexos Clausewitz e Montesquieu, é que o conceito de fricção também marca presença na obra do iluminista francês<sup>14</sup>.

Além da utilização do conceito de fricção por ambos os pensadores, existe também, como aponta Aron, certa correspondência entre os objetos de estudo do prussiano e do francês: a guerra e os regimes políticos, respectivamente. Ora, em Montesquieu, cada regime político depende de uma série de fatores, entre os quais figuram o clima, o espírito do povo e até mesmo o solo: “Assim, o governo de um só (*monarquia*) encontra-se mais vezes nos países férteis e o governo de vários (*república*) nos países que não o são [...]” (MONTESQUIEU, 2000, p.293). Porém, o fato de que um regime político é determinado (ou ao menos sugerido) por diversos fatores significa que o sociólogo não pode, se valendo da moral ou da ética, elencar um tipo desejável de regime político? Esta é a dúvida que Aron lança (ARON, 1986, p.343) e que, de fato, assume a posição de dúvida central da própria ciência da sociologia histórica<sup>15</sup>. A mesma dinâmica se observa em Clausewitz:

Os tipos de guerra correspondem aos tipos de regime. A estratégia que convém a um tipo contradiria a natureza do outro. A escolha entre os tipos de guerra não provém da vontade soberana de um ou outro beligerante, apenas de uma decisão comum dos dois: é a política que nela traz as linhas mestras das hostilidades, traçadas de antemão no seio das relações intra e interestaduais (ARON, 1986, p.343).

<sup>12</sup> Primeiras notas introdutórias redigidas por Clausewitz. Versam sobre diversos temas relacionados à guerra e à estratégia.

<sup>13</sup> Ensino ao príncipe-herdeiro. Refere-se a conjunto de textos elaborado por Clausewitz que tinha como objetivo iluminar algumas questões relacionadas à estratégia e à guerra ao príncipe Augusto.

<sup>14</sup> Ver a respeito PASSOS, 2005, p.89.

<sup>15</sup> A questão fundamental de toda sociologia histórica poderia ser formulada do seguinte modo: o sociólogo estaria condenado a observar a diversidade das instituições sem formular um juízo de valor sobre elas?” (ARON, 2000, p.40).

Em outras palavras, a guerra é determinada – ou sugerida – da mesma maneira em que o é o regime político em Montesquieu. No conflito, em Clausewitz, é a política mesmo que arquitetará as ‘linhas mestras das hostilidades’.

Ressalte-se que aprofundar a compreensão de Montesquieu como autor central para aspectos fundamentais da teoria de Clausewitz e da sua leitura empreendida por Aron se justifica pelo fato de que há a menção da palavra “natureza” ao menos 141 vezes em “*Da Guerra*”<sup>16</sup>. Outro argumento que justifica o nexos metodológico da proposta de pesquisa aqui enunciada é a interpretação aroniana de Clausewitz como um sociólogo da guerra. Isso ocorre não somente pelo fato de que há o nexos de Montesquieu com o pensamento do general prussiano, como também pela razão de que Aron considera as Relações Internacionais como uma disciplina pertencente ao campo da Sociologia (ARON, 2000, p. 7).

Além da relação especial entre Clausewitz e Montesquieu, é também importante jogar luz sobre a relação entre Aron e Montesquieu. Para o sociólogo francês, o iluminista teve papel importantíssimo no desenvolvimento da sociologia, sendo inclusive retratado como um dos fundadores da ciência e ‘mais moderno’ que o próprio Augusto Comte.

[...] se o sociólogo se define por uma intenção específica, conhecer cientificamente o social enquanto tal, Montesquieu é, a meu ver, um sociólogo, tanto quanto Auguste Comte. A interpretação da sociologia implícita em *O espírito das leis* é, com efeito, mais ‘moderna’, sob certos aspectos, o que a de Auguste Comte. O que não prova que Montesquieu tenha razão, e Auguste Comte não tenha, mas simplesmente que Montesquieu, a meu modo de ver, não é apenas um precursor, mas um dos fundadores da sociologia (ARON, 2000, p.17)

Sendo o sociólogo definido por sua intenção, Raymond Aron continua sólido no argumento de que as ambições de Montesquieu o faziam um sociólogo. Examinar a realidade, tirar alguma espécie de ordem do caos que é apresentado pelo mundo real: “Exatamente como Max Weber, Montesquieu deseja passar do dado incoerente a uma ordem inteligível. Ora, esse processo é próprio do sociólogo.” (ARON, 2000, p. 18).

De uma maneira similar, Clausewitz assume, em Aron, a posição de sociólogo da guerra. Ora, se o sociólogo se define por uma intenção específica, conhecer cientificamente o social enquanto tal, Clausewitz é sociólogo da guerra na medida em que tenta a compreender cientificamente, examinando as ações humanas e os fatores que as determinam, colocando-os em prova no laboratório da História.

<sup>16</sup> Ver a respeito PASSOS, 2014, p. 43.

A ambição de Clausewitz, assim como a de Montesquieu e a de todos os sociólogos, é de tornar a história e a ação racional (meios adaptados aos fins) inteligíveis. Esta inteligibilidade resulta de um vai-e-vem entre abstração e história ou conceito e experiência vivida, típica do método clausewitziano (ARON, 1986, p.342).

Por fim, é de suma importância reproduzir as palavras da última página de reflexão do “*Pensar a Guerra, Clausewitz*” volume I, pois elas trazem, em si, a própria motivação desta pesquisa: “Por infelicidade, o *Traité* que deveria ser lido inteiramente, só teve leitores parciais.” (ARON, 1986, p.344).

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta pesquisa, foi possível compreender melhor as difíceis e por vezes obscuras interações entre dois teóricos de grande envergadura do campo das Relações Internacionais, Carl von Clausewitz e Raymond Aron; além do impacto exercido por Montesquieu sobre ambos. Buscou-se demonstrar:

- 1) O grande amadurecimento intelectual do sociólogo francês Raymond Aron em relação à leitura da obra e do legado do teórico prussiano Carl von Clausewitz. A diferença entre os dois momentos interpretativos do francês foi exposta e clarificada, no sentido de demonstrar sua trajetória.
- 2) A complexa e gratificante evolução do sistema conceitual de Clausewitz. As diferentes etapas da concepção sobre a guerra, os diferentes momentos de tipologia dos conflitos, tudo isso fez parte da vida (inteira) de Clausewitz. Saliente-se ainda a profunda importância da obra de Clausewitz para a sociologia e o estudo da guerra
- 3) O gigantesco peso da obra de Montesquieu sobre o desenvolvimento intelectual dos dois autores aqui supracitados.

#### 5 - REFERÊNCIAS

ARON, Raymond. **As Etapas do Pensamento Sociológico**; São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_ **Paz e Guerra entre as Nações**, São Paulo: Imprensa Oficial; Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; Brasília: Universidade de Brasília, 2002.

\_\_\_\_\_ **Pensar a Guerra Clausewitz, a era europeia**, Brasília: Universidade de Brasília, 1986a.

\_\_\_\_\_ **Pensar a Guerra Clausewitz, a era planetária**, Brasília: Universidade de Brasília, 1986b.

\_\_\_\_\_ **O Ópio dos Intelectuais**, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980.

CLAUSEWITZ, Carl von. **On War**, Princeton: Princeton University , 1984.

DAVIS, Reed M. **A Politics of Understanding: The International Thought of Raymond Aron**, Baton Rouge: Louisiana State University, 2009.

LIDDELL HART, Basil Henri. **Strategy**, New York: Meridiam, 1997.

\_\_\_\_\_, Basil Henri. **Strategy of Indirect Approach**. Faber and Faber Ltd., 1929.

HONIG, Jan Willem. **Clausewitz's On War: Problems of Text and Translation** in: **Clausewitz in the twenty-first century**, Oxford: Oxford University, 2007, p. 57-74.

HOWARD, Michael: **A Influência de Clausewitz** in: Clausewitz, Carl von: **Da Guerra**, Rio de Janeiro : Escola de Guerra Naval, s.d., p. 27-46.

MONTESQUIEU, Charles de Secondat. **O espírito das leis**, São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PARET, Peter. **Clausewitz and the State – the man, his theories, and his times**, Princeton: Princeton University, 1985.

\_\_\_\_\_(org.) **Makers of Modern Strategy: From Machiavelli to the Nuclear Age**, Princeton: Princeton University, 1986.

PASSOS, Rodrigo Duarte Fernandes dos; **Clausewitz e a Política, uma leitura da obra “Da Guerra”**, Ijuí: Unijuí, 2014.

PASSOS, Rodrigo Duarte Fernandes dos; **Clausewitz e a Política – uma leitura de Da Guerra** , São Paulo, Universidade de São Paulo, 2005.